

Raiva humana já é um risco no DF

O surto de raiva canina no DF tem preocupado o Departamento de Saúde Pública (DSP). A diretora-substituta do órgão, Ivone Peres, teme o surgimento da doença em seres humanos, principalmente em crianças, que normalmente não comunicam aos pais eventuais mordidas ou lambeduras. A Gerência de Zoonoses confirmou esta semana o oitavo caso de hidrofobia no DF.

“Todos os casos de raiva humana

ocorridos no DF (até 1978, quando a doença foi controlada) foram em crianças”, revela Ivone Peres. “O DSP”, acrescenta, “tem orientado professores da Fundação Educacional, no sentido de realizar um trabalho de prevenção da hidrofobia. O primeiro caso de raiva canina, depois de quatro anos, foi identificado no dia 28 de junho último. A Zoonoses considera como focos, os núcleos habitacionais de Samam-

baia, Vila Areal e Granja do Ipê”.

Até o momento, 30 pessoas foram mordidas por cães. A doença não se instalou em nenhuma delas, mas existe um homem, residente em Taguatinga, que se recusa a fazer o tratamento, composto, de forma geral, por soro e vacina anti-rábica. “É importante procurar o centro de saúde mais próximo. Só a vacina evita a hidrofobia”, advete a diretora do DSP.

Para as autoridades sanitárias, fica difícil recomendar o afastamento dos cães. “O cachorro é proteção, diversão e cobertor”, brinca Ivone Peres. Mas se o cão apresentar anormalidade no comportamento, tornando-se agressivo, com espasmos musculares, sem comer e beber, sentindo verdadeira aversão à água (daí o nome hidrofobia), morrer ou desaparecer, a Gerência de Zoonoses, cujos telefones são

226-9336 ou 223-8628, deve ser informada.

Se o mesmo cão morder, arranhar ou lamber, no último caso, pele lesionada e mucosas da boca, olhos e nariz, o melhor a fazer é procurar atendimento médico. A raiva não tem cura. A única forma de evitá-la consiste na prevenção praticada atualmente. “Uma vez contraída, não há mais remédio”, completa a diretora do DSP.